



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**USO E CONSERVAÇÃO DE SEMENTES TRADICIONAIS E DIÁLOGO
DE CONHECIMENTOS**

ODENIZE PENA GONÇALVES

**PORTO DE MOZ, PA
Março, 2026**

ODENIZE PENA GONÇALVES

**USO E CONSERVAÇÃO DE SEMENTES TRADICIONAIS E DIÁLOGO
DE CONHECIMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de licenciado em Educação do Campo, ênfase em Ciências da Natureza, Faculdade de Etnodiversidade, Campus de Altamira, da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Dra. Carla Giovana Souza Rocha

PORTO DE MOZ, PA

Março, 2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

ODENIZE PENA GONÇALVES

USO E CONSERVAÇÃO DE SEMENTES TRADICIONAIS E DIÁLOGO DE CONHECIMENTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de licenciado em Educação do Campo, ênfase em Ciências da Natureza, Faculdade de Etnodiversidade, Campus de Altamira, da Universidade Federal do Pará.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Carla Giovana Souza Rocha (orientadora)
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Maristela Marques da Silva (examinador)
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Marcos Marques Formigosa (examinador)
Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P397u Pena Gonçalves, Odenize.
Uso e Conservação de Sementes Tradicionais e Diálogo de
Conhecimentos / Odenize Pena Gonçalves. — 2026.
33 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Carla Giovana Souza Rocha
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Etnodiversidade,
Altamira, 2026.

1. Sociobiodiversidade. 2. Educação do Campo. 3.
Quilombolas. I. Título.

CDD 370

DEDICATÓRIA

Quero dedicar a toda a minha família Pena, de modo todo especial a meu pai Manoel Maria Martins Gonçalves e minha mãe Orvana da Costa Pena. Pai e Mãe, vocês me trouxeram tantos ensinamentos, dentre eles, o de como ser honesta, trabalhadora, forte, corajosa e destemida.

Vocês são o meu exemplo de vida, a razão de minha existência. Se hoje sou quem sou, devo graças a vocês; vocês são minha razão e força de lutar todos os dias; vocês são a razão de toda minha luta; um homem e mulher que estiveram comigo em todos os momentos de minha vida, me apoiando, me aconselhando.

Todas as vezes que conversávamos, sempre diziam que os seus sonhos eram ver todos os seus filhos formados e estando ao seu lado, então para mim é como estar realizando os seus sonhos, com isso me sinto mais feliz ainda.

Família, é por vocês que sempre vou além dos meus objetivos, para que um dia eu possa estar bem financeiramente para poder proporcionar tudo o que tenho planejado. TE AMO, PAI E MÃE, e por essas razões lhes dedico essa vitória que é nossa.

AGRADECIMENTOS

É com muita gratidão no coração que desejo agradecer, em primeiro lugar, a Deus, e em seguida a todas as pessoas que fizeram parte de minha trajetória acadêmica, minha família, em destaque meus pais e irmãos.

Aos amigos, professores da universidade, e de modo todo especial à minha Professora Doutora Carla Giovana Souza Rocha, obrigada professora por todo carinho e paciência que teve comigo durante toda essa trajetória acadêmica, sem suas orientações não teria chegado tão longe; todos os momentos que tivemos juntas foram únicos e produtivos, não é só uma amizade entre professora e aluna e sim um afeto de mãe e filha, lhe considero muito, tendo você como parte de minha família, obrigada sempre.

Grata também à minha comunidade Quilombola Santa Luzia do Rio Flexinha, que tanto me incentivou e me fortaleceu nessa longa caminhada, principalmente por se mostrarem prestativos nos meus Tempos Comunidades (TCs), onde cada família me recebeu com muito carinho e com palavras de incentivo.

À minha turma de Ciências da Natureza, que mesmo diante de tantos desafios, a gente buscava sempre se ajudar uns aos outros; nos momentos difíceis a gente unia forças para um levantar o outro. Tivemos diante de perdas, mas foi onde essa união se fortaleceu mais ainda, sempre buscamos estar um ao lado do outro, seja com uma palavra amiga ou uma ajuda com as atividades ou ajuda de custos, mas não nos abandonamos. Costumamos dizer que somos uma grande família, que mesmo diante das divergências de opiniões, a união foi o que nos manteve de pé.

Agradeço à minha amiga Stefany Ferreira, por toda a parceria que tivemos durante o curso, e principalmente nos estágios do ensino médio, fomos imbatíveis e superamos todos os desafios.

Aos meus professores, mestres e doutores, por tanto conhecimento compartilhado, pela amizade e por muitas vezes serem meus conselheiros e como parte de minha família, por também se mostrarem sempre leais a qualquer momento, seja na alegria ou nos momentos difíceis. Em destaque, a Dr^a Carla Rocha, Dr^a Irlanda Miléo, Dr^o Marcos Formigosa e Dr^o Felipe Bittioli foram os que se fizeram mais presentes em toda minha trajetória acadêmica, me incentivando e me dando coragem para seguir em frente, foram fontes de inspiração para vencer.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender as práticas de uso, guarda e troca de sementes tradicionais por ribeirinhos quilombolas do Quilombo Flexinha. A comunidade Santa Luzia do Quilombo Flexinha está localizada às margens do rio Amazonas, município de Gurupá, Pará. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo usando a técnica de entrevista semiestruturada com nove famílias, conduzidas diretamente nas residências dos interlocutores-chave da comunidade. Foi realizada uma oficina de devolutiva dos resultados da pesquisa e debate sobre o tema na comunidade Santa Luzia. Os dados indicam que, apesar do crescente uso de sementes comerciais híbridas ou transgênicas, especialmente no plantio de milho, existe ainda um esforço significativo por parte da comunidade em manter práticas tradicionais de conservação de suas próprias sementes. Cultivos como mandioca, frutíferas nativas, tubérculos e uma grande variedade de plantas alimentícias continuam sendo cultivadas e suas sementes armazenadas com técnicas herdadas das gerações anteriores, com práticas que demonstram um profundo conhecimento sobre o ambiente local e uma forte ligação com a terra, evidenciando a importância das sementes tradicionais como elementos essenciais da cultura e da identidade comunitária. A oficina voltada à valorização das sementes tradicionais confirmou um ponto muito preocupante: os moradores da comunidade estão substituindo as sementes tradicionais pelas sementes transgênicas.

Palavras-chave: Sociobiodiversidade. Educação do Campo. Quilombolas.

ABSTRACT

This study aims to understand the practices of use, storage, and exchange of traditional seeds by riverside quilombola communities in the Quilombo Flexinha. The Santa Luzia community of Quilombo Flexinha is located on the banks of the Amazon River, in the municipality of Gurupá, Pará. To this end, field research was conducted using the semi-structured interview technique with nine families, conducted directly in the homes of key community interlocutors. A workshop was held to present the research results and discuss the topic in the Santa Luzia community. The data indicate that, despite the increasing use of commercial hybrid or transgenic seeds, especially in corn planting, there is still a significant effort on the part of the community to maintain traditional practices for conserving their own seeds. Crops such as cassava, native fruit trees, tubers, and a wide variety of food plants continue to be cultivated and their seeds stored using techniques inherited from previous generations. These practices demonstrate a deep knowledge of the local environment and a strong connection to the land, highlighting the importance of traditional seeds as essential elements of culture and community identity. The workshop focused on valuing traditional seeds confirmed a very worrying point: community residents are replacing traditional seeds with genetically modified seeds.

Keywords: Sociobiodiversity. Rural Education. Quilombola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
REFERENCIAL TEÓRICO	10
METODOLOGIA	12
RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE	13
PERFIL DAS FAMÍLIAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA	14
GUARDA, USO, CONSERVAÇÃO E TROCA DAS SEMENTES TRADICIONAIS ..	18
DEVOLUTIVA DOS RESULTADOS DA PESQUISA	24
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Como estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, pertencente à comunidade quilombola Flexinha, do município de Gurupá, me deparei com a diversidade das práticas e estratégias familiares na pesquisa do primeiro Tempo Comunidade do curso, e posteriormente, abracei a temática das sementes tradicionais, a partir do projeto que participei como bolsista Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFPA/PROESP/PIBIC intitulado “Inovações sociais e práticas agroecológicas de conservação de sementes tradicionais e de técnicas de fertilização e de controle biológico e mecânico sem agrotóxicos”.

As sementes tradicionais, também denominadas de crioulas, sementes da paixão, sementes de colher ou de plantar, representam um patrimônio genético e cultural de extrema importância para as pessoas que vivem em comunidades tradicionais.

A comunidade conhecida por Flexinha possui uma grande riqueza cultural e ambiental, constituída por múltiplos espaços e diversidade em seu meio natural, proporcionada pela existência de áreas de igapó, várzeas e terra firme, e solos propícios para cultivos diversos, além de açazais nativos e manejados.

Para Dias (2024, p. 28) “as comunidades quilombolas, desde sua constituição histórica, possuem papel importante na conservação da agrobiodiversidade amazônica”. As práticas agroecológicas, como as de manejo dos roçados, vêm sendo feitas historicamente por essas comunidades e o conhecimento é repassado oralmente entre as gerações na comunidade de Santa Luzia, envolvendo toda a família.

A guarda de sementes pelas comunidades ribeirinhas quilombolas contribui para a conservação das mesmas e para a manutenção da sociobiodiversidade, da diversidade genética, da segurança alimentar e para a garantia de um sistema camponês autônomo, com espécies adaptadas ao meio natural e ao contexto sociocultural local.

A comunidade Flexinha fica às margens do rio Amazonas e é formada por residências familiares que ficam próximas umas das outras, mas não tem uma aglomeração como vila. O quilombo Flexinha conta atualmente com cinquenta e uma famílias, que têm passado por diversas mudanças em seus modos de vida, nas suas formas de produzir, nos seus roçados tradicionais, impulsionadas pelos mercados e mudança na organização do trabalho. Dentre essas mudanças, temos a inserção de novas práticas produtivas, que têm levado à perda das sementes tradicionais, e com isso, são perdidos patrimônio genético e cultural, conhecimentos, cultura alimentar e autonomia da comunidade frente ao avanço das empresas capitalistas dos sistemas agroindustrial mundiais.

Segundo Dias (2024, p. 02), a relação estabelecida entre comunidades rurais quilombolas e a natureza pode ser percebida no dia a dia das mesmas, no conhecimento que estes possuem sobre os elementos da natureza, as espécies que a compõem, seja de animais ou plantas, os cuidados e o respeito com os encantados² presentes no território, a seleção de sementes, o conhecimento sobre plantas de cura e a defesa da terra e do território. São cuidados com a natureza que devem ser preservados e guardados, assim como os conhecimentos tradicionais associados, com destaque para as sementes tradicionais.

As sementes tradicionais não sofreram modificações por meio de técnicas de melhoramento genético, e seu manejo, seleção, conservação e guarda foram desenvolvidos por povos e comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos, camponeses e outros. Chamada de semente, entretanto, “[...] não é reduzida apenas a sementes em si, mas também pode se referir a tubérculos, como batata, cará, mandioca, entre outros alimentos conhecidos” (Trindade, 2016, p. 06), assim como, podemos nos referir às espécies animais crioulas. Como constata Trindade, podemos dizer que as sementes crioulas são as espécies que melhor se adaptam a cada região, seja em área de terra firme ou várzea, visto que são aprimoradas pela seleção conduzida pelas famílias e pela adaptação ao meio. O uso destas também representa autonomia e soberania para as famílias, por guardarem suas próprias sementes de uma safra para outra, não precisando comprar sementes comerciais.

Na Comunidade Santa Luzia do Quilombo Flexinha, muitas sementes tradicionais estão sendo substituídas pelas compradas em casas agropecuárias, o que levanta a necessidade de pesquisas sobre as mudanças nas práticas das famílias, e subsidiar a construção de propostas para debater essa dinâmica no território quilombola, junto aos comunitários, já que essas sementes das cultivares locais representam conhecimentos acumulados ao longo de gerações, fundamental para a manutenção da sociobiodiversidade e da segurança alimentar. Uma semente tradicional é a garantia de dispor dela na hora de plantar, de conhecer as características de cada variedade ou raça, e assim, melhor conduzir o cultivo ou criação.

Nesse contexto de mudanças das práticas socioprodutivas impulsionadas pelo mercado, foi definido que o objetivo geral da pesquisa é compreender as práticas de uso, guarda e troca de sementes tradicionais por ribeirinhos quilombolas do Quilombo Flexinha. Como objetivos específicos temos: discutir sobre os conhecimentos envolvidos no processo de conservação das sementes tradicionais; analisar como essas sementes são vistas e tratadas pelos moradores; refletir sobre os desafios enfrentados para a manutenção das práticas de uso e guarda das sementes.

REFERENCIAL TEÓRICO

As populações tradicionais são as grandes responsáveis por preservar técnicas e meios de cultivo, como as sementes crioulas nos espaços rurais (Cunha, 2020, p. 04). Para os agricultores familiares, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais paraenses, manter a tradição de guardar, conservar e plantar sementes crioulas são verdadeiros desafios, mas que por sua vez, é necessário para que assim se mantenha essa tradição. Essas sementes são de espécies que servem para o consumo familiar e comercialização. Pereira *et al.* (2017, p. 5) apontam que “[...] os alimentos vindos das plantações tradicionais, além de suprir as necessidades das famílias, tornam ainda os alimentos mais saudáveis”.

De acordo com Martins (2020, p. 52), “a conservação das sementes tradicionais está fortemente relacionada com as famílias dos agricultores. Esses conhecimentos tradicionais e ensinamentos acontecem desde a infância, quando estão ligados ao plantio e ao cuidado com a terra [...]”. Nesse contexto, as famílias são responsáveis por plantar, selecionar e guardar suas próprias sementes, práticas passadas de geração em geração, que acrescentam novos elementos a esses saberes e práticas tradicionais. Vale enfatizar que Bernardo (2020) relata que: “Sementes crioulas são a garantia da continuação da vida! São a mostra viva de que a natureza é sábia, e que para produzir comida não precisamos da última tecnologia nem de pacotes tecnológicos, mas sim do saber do povo ancestral que carrega suas sementes”.

Para Martins (2023, p. 13), “o manejo e conservação das sementes tradicionais é uma prática que, ao longo do tempo, vem garantindo a disponibilidade de recursos genéticos naturais, além de constituir uma importante estratégia para a segurança alimentar dos agricultores familiares”. O autor afirma que é necessário detalhar as formas de manejo e de conservação de sementes tradicionais, assim como, ter estudos que possam contribuir com a preservação dos hábitos, costumes e tradições alimentares que colaboram com a qualidade de vida das pessoas, e assim, valorizar suas práticas culturais dentro e fora da comunidade, além de estimular formas de expor sobre os modos de vida e as práticas, e assim, alcançar maior reconhecimento cultural.

Para Cunha (2020, p. 08), é preciso entender que os(as) remanescentes de quilombo têm raízes ancestrais, principalmente os que moram em áreas ocupadas desde os primórdios. Nós, quilombolas, temos laços de coletividade e formas de organização coletiva presentes nos espaços políticos, que se entrelaçam às especificidades do modo de ser e viver, da ocupação de seus territórios e das lutas diárias para ocuparem também um lugar na sociedade; por sermos livres; por lutarmos para sermos reconhecidos como cidadãos de direitos.

Nesse sentido, mobilizar a coletividade em processos de Educação em Agroecologia e de leitura das dinâmicas locais e das influências externas pode auxiliar na discussão do tema por dentro do espaço escolar e comunitário.

Aguiar *et al.* (2013, p. 3) destacam que o movimento agroecológico surgiu da crítica ao modelo da modernização conservadora da agricultura no Brasil desde a década de 1980, contra a Revolução Verde e “os impactos ambientais, sociais e econômicos que vinham ocorrendo em função do modelo de tecnificação adotado no país”. E logo a seguir, os autores sistematizaram elementos constitutivos dos quatro princípios de uma Educação em Agroecologia, discutidos a partir do I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia, realizado pela Associação Brasileira de Agroecologia, em 2012. Os quatro princípios são o da vida, diversidade, complexidade e transformação, expostos a seguir.

O primeiro princípio é o da vida, e identificam que “é na natureza onde se reproduzem e se realizam todas as formas de vida, inclusive a dos seres humanos [...]” e que o “[...] o acesso aos bens da natureza como terra, água, floresta, sementes, alimentos, trabalho e cultura garantem aprendizagens fundamentais, que possibilitam a sustentabilidade (Aguiar *et al.*, 2013, p.6-7). O segundo princípio é o da diversidade, e destacam que “ [...] a diversidade deve ser reconhecida nos diferentes ecossistemas, agroecossistemas e paisagens, na riqueza de bens naturais, nas distintas práticas sociais, saberes (locais e acadêmicos), valores, cultura e formas de organização social e produtiva, que determinam a relação dos seres humanos com a natureza” (Aguiar *et al.*, 2013, p. 8).

No princípio da complexidade, destaca-se que:

A realidade é complexa e requer um pensamento também complexo. Desenvolver um pensamento complexo implica fugir da simplificação, da fragmentação, da compartimentação, da hiperespecialização, do dualismo, da certeza e do reducionismo, colocando em prática a religação dos saberes, numa perspectiva transdisciplinar” (Aguiar *et al.*, 2013, p. 9-10).

Assim, “os processos educativos e de construção do conhecimento agroecológico devem primar pelo pluralismo metodológico e epistemológico” (Aguiar *et al.*, 2013, p. 9). Nesse sentido, destaca-se o princípio da transformação, da educação como ferramenta de “libertação das estruturas ideológicas de dominação que sustentam a sociedade hegemônica, para formar profissionais críticos/as e criativos/as, com capacidades para compreender e atuar com autonomia para a promoção da vida e da sustentabilidade do planeta”. Ou seja, a diversidade biocultural está representada aqui nas sementes tradicionais, na riqueza de bens naturais, nas distintas práticas sociais, conhecimentos, valores, cultura e formas de organização social e produtiva, nas diferentes relações entre seres humanos e a natureza (Aguiar *et al.*, 2013, p. 8).

Rocha, Sousa e Oliveira (2022, p. 09) expuseram que na microrregião paraense de Altamira “houve mudanças relacionadas aos tipos de sementes e mudas utilizadas, pois praticamente não existem mais as chamadas sementes crioulas”. Tomo essa fala como se estivesse se referindo ao quilombo Flexinha, que não é diferente. Estamos perdendo nossas sementes. E com isso, “leva à necessidade de se comprar nas lojas agropecuárias as geneticamente modificadas, que por sua vez, provocam alterações no calendário, devido a colheita ser mais precoce”. Contudo, essas sementes aumentam os custos dos agricultores familiares.

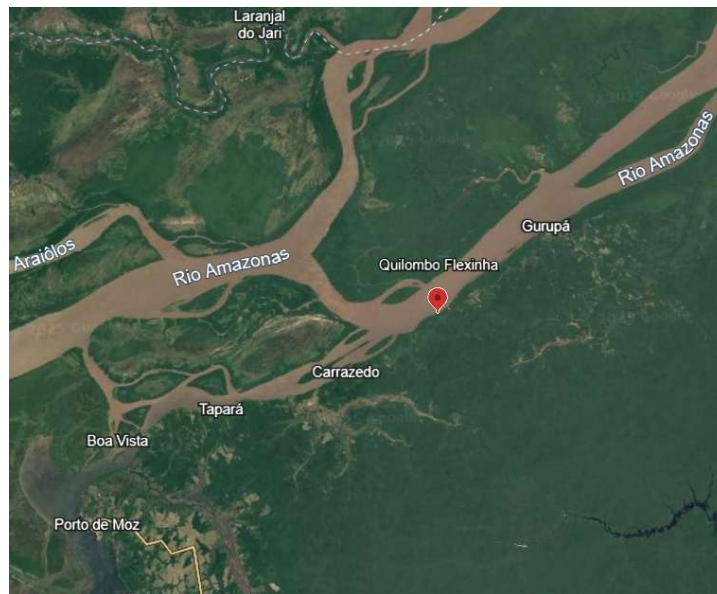
Diversas pesquisas realizadas na região de integração do Xingu têm constatado a diminuição da prática de guarda das sementes tradicionais e, a perda das variedades e raças adaptadas localmente e dos conhecimentos associados (Torres de Paula *et al.*, 2025) . Isto está diretamente relacionado à diminuição dos cultivos anuais como milho, arroz, feijão, mandioca, macaxeira, batata doce e outros produtos plantados nas roças (Silva; Rocha, 2022). Por outro lado, em pesquisa realizada no município de Brasil Novo, foram identificadas oito espécies de sementes guardadas que pertencem às famílias Cucurbitaceae, Poaceae, Solanaceae e Fabaceae, destacando o feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e o feijão caupi (*Vigna unguiculata* L.) (Torres de Paula *et al.*, 2025).

Em outro estudo realizado na comunidade quilombola de São José do Icatu, em Baião, as famílias guardam diversas sementes, e as principais são o açaí, o cacau, melancia, mandioca, jerimum, maxixe, arroz, maracujá, dentre 23 espécies citadas (Correa, 2025).

METODOLOGIA

A área do quilombo Flexinha está localizada na margem direita do rio Amazonas (Figura 1). O acesso ao Flexinha ocorre via fluvial, em embarcações do tipo canoa, voadeira ou catraia. O deslocamento da cidade de Gurupá para a comunidade pode levar de 30 minutos a 2 horas, dependendo do tipo de embarcação.

Figura 1. Localização do Quilombo Flexinha, Gurupá, Pará



Fonte: Google Earth (2025)

Esta pesquisa de abordagem qualitativa teve como principal técnica de pesquisa o uso de entrevistas semiestruturadas, por meio de formulário com perguntas abertas a nove interlocutores-chave.

Foram entrevistadas seis mulheres e três homens, moradores da localidade. Os interlocutores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o uso das informações e de fotografias, vídeos e gravações. Os dados estão sistematizados em planilha Excel, com tratamento dos mesmos em forma de quadro e gráficos.

Foi realizada uma roda de conversa com os moradores das Comunidades do Quilombo Flexinha, como devolutiva dos resultados desta pesquisa, que teve o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFPA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE

A Comunidade Santa Luzia do Rio Flexinha, localizada no município de Gurupá, região do Marajó no Pará, é uma das comunidades que pertence ao território de remanescentes de quilombo de Gurupá, certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2010, e regularizada pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA) em 20 de julho de 2000, com área de 83.437.1287 hectares (Gomes, 2023, p. 05). O território instituído é uma conquista das comunidades que veio para beneficiar e valorizar o povo quilombola do município.

Para Gonçalves (2022, p. 06), a comunidade passou pelo processo de reconhecimento como território quilombola porque foi constatado existirem remanescentes de quilombos que moravam nos igarapés, que eram refúgios das pessoas negras que foram escravizadas. Segundo as entrevistas feitas ao longo do curso de Licenciatura em Educação do campo: “[...] as famílias que moravam trabalhavam na lavoura, como mandioca, plantio de tabaco e roçados, onde alguns desses trabalhos eram realizados na área de terra firme que fica a alguns metros da área da várzea”. Muitos desses moradores ainda estão vivos para contar a história. Para os moradores, era melhor morar no igarapé, pois dava para ouvir e buscar informações na beira do rio sobre se iriam ou não ser atacados. Após um tempo, os moradores foram fazendo suas casas às margens do rio e acabaram perdendo o medo, mas grande parte dos cultivos, principalmente a roça, ainda fica na área de terra firme.

A cartografia feita no curso de Licenciatura em Educação do Campo, na disciplina de Tempo Comunidade I (TC I), mostra a distribuição das casas e comunidades atualmente.

Figura 2: Cartografia da Comunidade Santa Luzia



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

PERFIL DAS FAMÍLIAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA

No Quadro 1 estão retratadas algumas características dos interlocutores-chave.

A entrevistada A conta com a aposentadoria de seus pais para incrementar a renda. Já a entrevistada B, com 70 anos de idade, tem aposentadorias e pensão por morte, reside na comunidade há 54 anos e trabalha na agricultura.

O entrevistado C, de 55 anos, reside na comunidade desde que nasceu e afirma que “não pretende sair”; sua renda familiar é proveniente do aluguel de seu barco, do salário de seu filho que trabalha como funcionário público da rede municipal e de sua produção. O entrevistado C tem criações de galinhas, porcos e criação de peixes em tanque, garantindo assim a alimentação da família e o aumento da renda.

Quadro 1. Características dos interlocutores-chaves

Interlocutor	Renda mensal (R\$)	Pessoas dependem da renda familiar	Pessoas no domicílio	Produtos
A	5.000	6	6	Hortaliças, açaí , farinha, macaxeira e melancia, araçá, abóbora, feijão, castanha, mari, milho, criação de peixes
B	2.400	6	6	Mandioca , milho e macaxeira , cacau, açai e batata-doce
C	3.000	5	6	Na várzea: açaí e limão; Terra firme: mandioca , cupuaçu, melancia, limão, açaí , maxixe, manga, pupunha, bacaba
D	3.000	6	6	Na várzea: milho , abóbora e o açaí . Terra firme: abacate, pupunha, piquiá, oxi, mari, mandioca , macaxeira , banana, batata doce, cupuaçu, limão e pimentinha de cheiro
E	750	4	4	Hortaliças
F	700	5	5	Mandioca , melancia, milho , buriti, castanha, oxí, mari, piquiá e taperebá.
G	1.300	13	13	Mandioca , macaxeira , milho , feijão carioquinha e branco, melancia, cheiro verde, pimentinha, maxixe, açaí , pupunha, graviola
H	3.000	3	3	Açaí , melancia, goiaba, abacaxi, milho , hortaliças, feijão, arroz e manga.
I	300	04	04	Feijão , farinha, melancia, maxixe, jerimum, arroz, pupunha, açaí , jaca, mamão, cacau, coco, jerimum, macaxeira , batata doce, mandioca , limão, banana, pupunha, abacate, cupuaçu, castanha, mari.

A entrevistada D tem 55 anos, moradora da comunidade desde que nasceu, e segundo ela, “não pretendo sair pra outro lugar para morar”. Sua renda mensal é proveniente de benefício de um filho que é uma pessoa com deficiência, aposentadoria como agricultora e de suas vendas de cultivos e artesanatos.

A entrevistada E tem 30 anos, mora na comunidade desde que nasceu, sua renda mensal é proveniente do Bolsa Família, e faz o uso dos pescados para a venda e consumo.

A entrevistada F tem 34 anos e reside na comunidade desde que nasceu. Para garantir o alimento da família, eles usam diferentes tipos de pesca, como o uso de malhadeira, caniço e espinhel para o consumo diário da família.

A renda mensal da família G é composta pelo Bolsa Família dos filhos casados e seguro defeso da pesca, além da coleta das plantas nativas e dos cultivos.

O entrevistado H mora na comunidade desde que nasceu; seus pais são os membros mais antigos da comunidade e foram suas famílias que auxiliaram na constituição da mesma; a renda mensal provém do salário da esposa merendeira na escola da comunidade e das vendas dos produtos extraídos e cultivados; trabalham também com o despulpamento de manga, goiaba, taperebá, abacaxi, bacaba e açaí, produtos para venda e para o consumo; a família tem criação de peixe em tanques, galinha, pato e porco.

A entrevistada I tem 44 anos, mora na comunidade há 24 anos; a renda é proveniente da venda de frutas e outros cultivos, beneficiando a farinha de tapioca e a farinha de mandioca, que são vendidos e consumidos pela família; a família também possui criação de galinha, porco e peixe em tanque.

Conforme mostram os dados apresentados pelos entrevistados, há sempre algumas espécies que se sobressaem, como a mandioca, açaí, melancia e milho, frequentes na produção familiar, garantindo o sustento das famílias.

Figura 3: Produção da farinha no Quilombo Flexinha



Fonte: Manoel Pena (2025)

Vizolli (2012, p. 04) afirma que “a mandioca é uma das principais fontes de alimento. Dela se produz a farinha, sendo bastante utilizada na culinária.” E no quilombo Flexinha, é nossa maior fonte de renda. O processo de produção da farinha de mandioca é essencialmente artesanal e, mesmo nos dias atuais, são utilizados objetos (artefatos) como peneira, paneiro, tipiti, prensa, masseira, forno, entre outros. “A colheita da mandioca é feita pelas pessoas da própria família ou

com a ajuda dos vizinhos (um sistema de troca de serviços), e acontece com o sol das primeiras horas da manhã e ao entardecer.” (Vizolli, 2012, p. 10) E a “produção envolve, ainda, as tarefas de coleta da madeira, limpeza da casa de farinha, colheita e preparação da mandioca” (Vizolli, 2012, p. 11). Após a produção, os pequenos produtores fazem a entrega na cooperativa em Gurupá ou fazem sua própria comercialização. No que traz a garantia da manutenção das variáveis espécies de mandioca cultivadas na comunidade.

A segunda maior fonte de renda vem do cultivo do açaí, que pode vir de áreas nativas e manejadas e de plantação própria dos moradores. Para Leão (2023, p. 17):

A localização do território quilombola de Gurupá às margens de rios e igarapés favoreceu o acesso a uma das fontes mais importantes de alimento e geração de renda, o açaizeiro, que está concentrado em áreas de florestas e várzea do arquipélago e, por décadas, alimenta muitos quilombos e sustenta a economia local.

Esse sistema de cultivo ganhou maior importância a partir dos anos atuais, com as mudanças dos cultivos nos quilombos, e o que antes tinha como finalidade a alimentação das famílias, com a valorização do fruto, hoje se tornou a maior atividade comercial para o comércio local e até mesmo de exportação nas comunidades.

Figura 4: Colheita de açaí na propriedade da família Pena.



Fonte: Manoel Pena (2023)

Após a colheita dos frutos, vem a escolha das melhores sementes para fazer as mudas de estacas, e a partir dessas mudas, renovar a plantação do açaizal, como são chamadas as

plantações de açaí. Em seguida, ocorre a preparação do vinho para consumo e para comercialização, ou a própria venda do mesmo em carvão. Podem ser coletados e vendidos para os atravessadores (pessoas que compram e revendem) ou cada pessoa faz sua própria venda na cidade.

Ainda como uma das principais sementes a serem cultivadas na comunidade, temos a melancia, ilustrada na Figura 5, que é cultivada tanto para consumo quanto para a comercialização. Entretanto, as sementes da melancia já não são mais as sementes crioulas passadas de geração em geração, são as compradas em casas agropecuárias. O que contribui para a perda de um patrimônio genético da comunidade.

Figura 5. Produção de melancia da família Pena no Quilombo Flexinha



Fonte: Manoel Valdivino (2023)

GUARDA, USO, CONSERVAÇÃO E TROCA DAS SEMENTES TRADICIONAIS

Conforme sistematizado no Quadro 2, a entrevistada A consegue guardar sementes tradicionais de feijão branco, feijão manteguinha, abóbora e milho.

A entrevistada B guarda sementes de maxixe, abóbora e estacas de manivas (mandioca), e relata já não possuir mais forças para trabalhar devido à sua idade. Segundo a mesma: “As sementes têm que colher, escolher as melhores sementes e colocar no sol pra secar e depois de seca, colocar em garrafas bem fechadas e guardar em local não muito quente e nem muito frio”.

Conforme estas entrevistadas, fazer a guarda e uso de sementes tradicionais é a garantia de poderem plantar no próximo ano. Para Pereira *et al.* (2017, p. 13), essa ação “está diretamente

relacionada aos hábitos alimentares dos agricultores e à necessidade de serem autossuficientes em sua alimentação”.

Quadro 2. As sementes tradicionais guardadas no Quilombo Flexinha

Fam.	Tubérculos e tuberosas	Leguminosas	Gramínea	Espécies do extrativismo	Cucurbitáceas	Outras
A		Feijão branco e manteiguinha - <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp	Milho (<i>Zea mays</i>)		Abóbora (<i>Cucurbita</i>)	
B	cará (roxo e branco)				maxixe, jerimum	cacau, rabo de guariba
C		feijão branco - <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp	milho		maxixe, jerimum	banana
D	mandioca, macaxeira, batata doce			pupunha, piquiá, oxí, marí	maxixe	abacate, banana, cupuaçu, limão
F	mandioca		milho			
G	mandioca, macaxeira,	Feijão do sul carioquinha (<i>Phaseolus</i>), Feijão branco e manteiguinha (<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp)	milho	açaí, pupunha	Melancia, maxixe	cheiro verde, pimentinha, graviola
H		feijão	milho	açaí		goiaba, abacaxi, arroz
I	macaxeira, batata doce, mandioca	feijão		pupunha, açaí, marí	melancia, maxixe, jerimum	arroz, jaca, mamão, cacau, coco, limão, banana, abacate, cupuaçu

O Quadro 3 expõe outras informações sobre o uso das sementes na comunidade, denominadas como tradicionais ou semente familiar. Os interlocutores destacaram que aprenderam a prática de guardar as sementes com os pais, avós e tio. A maioria faz troca de sementes, principalmente com vizinhos, mas também com outras comunidades, em encontros como o de Mulheres, promovido pela igreja católica, e o de lavradores.

Quadro 3. A guarda e troca de sementes tradicionais no Quilombo Flexinha

Família	Porque faz a guarda?	Já trocou em eventos públicos ou encontros na comunidade?
A	Para poder plantar no próximo ano	Troca com outras pessoas
B	Para poder na próxima vez	Outras pessoas
C	Guarda porque considera que é a que dá certo	Com pessoas de outras comunidades
D	Por que tem que plantar no outro ano e não perder a qualidade	Na cidade de Gurupá, em um encontro de mulheres
E	Não guarda	Não
F	Para poder plantar para o outro ano	Não
G	Porque é de costume guardar de um ano para o outro	Com outras comunidades; encontro em Gurupá (encontro de lavradores)
H	Para poder ter para plantar no outro ano	Somente para comunidades vizinhas
I	Para ter todo ano e continuar o cultivo	Não

O entrevistado A afirma acreditar “que as sementes tradicionais são boas, mas as sementes melhoradas produzem mais, só que faltam técnicos para nos ensinar como trabalhar essas sementes”. Ou seja, a dinâmica de comprar sementes geneticamente modificadas tem chegado às comunidades sem as informações sobre as condições para garantir a produtividade esperada, assim como não há um debate sobre as perdas ocasionadas pela introdução destas cultivares ou variedades nos sistemas, assim como os custos com insumos para a produção.

Meira (2021, p. 10) explica haver insegurança na produção devido à dependência tecnológica e econômica ao sistema agroindustrial capitalista direcionado para a monocultura, ao uso de agroquímicos, como os agrotóxicos, e aos produtos para exportação, agravando problemas na agricultura, para os camponeses e para a natureza. Por este motivo, o entrevistado está desacreditando do valor das sementes oriundas da cultura tradicional, trocando-as por sementes transgênicas, principalmente o milho, ao acreditar que esse pacote tecnológico solucionará o problema de baixa produtividade.

Segundo Pereira *et al.* (2017, p. 9), as sementes tradicionais estão relacionadas aos aspectos da segurança alimentar e à apropriação dos benefícios econômicos e culturais da biodiversidade pelos povos e comunidades tradicionais.

A entrevistada D entende que sementes tradicionais são aquelas plantadas todo ano, e que cada ano precisa guardar uma pequena parte para plantar no ano seguinte.

A entrevistada E disse que aprendeu muitas coisas com seu pai, porque o mesmo plantava “de tudo um pouco”, mas, após o seu falecimento, as sementes (“as plantas”) dos cultivos que ele conservava se perderam porque não foi do interesse dos filhos continuarem esse legado de saberes e conhecimentos. A entrevistada E não guarda sementes de suas plantações, e afirmou que, em relação às “plantas de cultivo”, usava sementes apenas da melancia, mas que atualmente essas sementes são compradas no comércio. Segundo a entrevistada, as sementes tradicionais estão perdendo o seu valor “porque eles não querem mais ter o trabalho de guardar e, com isso, vai se perdendo o costume”. E com isso essas perdas vêm se tornando um problema, as frutas perdem a qualidade e o sabor não é mais o mesmo.

O mesmo foi exposto pela matriarca da família G, que disse que os filhos não têm o mesmo propósito dela, e que vão acabar deixando de plantar as sementes tradicionais.

A entrevistada G disse que guarda as sementes de milho, melancia, maxixe, abóbora e feijão branco. São sementes que ela conseguiu com seu tio, pois foi com ele que aprendeu as técnicas de conservação de plantaço das sementes. Para ela, essas sementes são importantes, pois os produtos apresentam um sabor melhor. E acrescenta que “para ter uma boa produção, vai depender muito de como vai ser plantado e qual época do ano foi plantado”.

Para o entrevistado H, trabalhar com sementes é um grande desafio, e alega que a terra está fraca, que as sementes tradicionais produzem pouco e são de baixa qualidade. Ele prefere comprar porque “as sementes compradas já vêm de laboratório com melhor qualidade e preparadas para produzir mais”. Ele guarda sementes de milho, maxixe e abóbora, entretanto, tem anos que perdidas por não plantar; e quando precisa, consegue com os vizinhos. O entrevistado relata que possui um vasto conhecimento sobre sementes tradicionais, pois, seu falecido pai trabalhou muito com essas sementes e ensinou para os filhos, e diz que:

Com ele aprendi a guardar, porque ele secava e depois guardava em garrafa e tampava bem fechado para bicho não entrar e nem mesmo vento, quando ele plantava, no roçado, ele não gostava que fossem lá olhar ou andar pelo meio, era só ele mesmo que podia ir até amadurecer, tipo o milho, feijão e o arroz. Segundo ele, para não dar olho gordo e a plantaço não murchar (comunicação oral, entrevista H, 2025).

Com a técnica da conservação usada, percebem-se as crenças e cuidados especiais.

A importância de fazer a guarda das sementes tradicionais para as famílias de comunidades tradicionais vai além da valorização enquanto prática, pois são tradições que vêm

sendo semeadas ao longo do tempo, porque são sementes que os/as bisavós plantavam e assim segue uma linha de continuação de saberes e práticas, aprendidas com as gerações passadas.

Os resultados demonstram a importância das sementes tradicionais para a conservação das diferentes variedades que ainda têm na comunidade Santa Luzia do Quilombo Flexinha, e que os moradores preservam na tentativa de conservá-las para não haver uma perda desse bem material e cultural, pois as variedades existentes “são de diferentes formas, tipos e variabilidade, o que possibilita uma adaptação aos mais diferentes ambientes. Por possuírem essas características, são de extrema importância para a agrobiodiversidade e para a autonomia dos processos produtivos dos trabalhadores rurais” (Silva, 2024, p. 02), conforme ilustra a Figura 6.

A imagem a seguir é de minha mãe, saindo do sítio da família. Na pequena embarcação chamada de casco, são trazidos limão, cupuaçu, vários tipos de pupunha, mari, uxi e piquiá.

Figura 6: Agrobiodiversidade dos agroecossistemas familiares



Fonte: acervo pessoal de Odenize Gonçalves (2024)

A presença feminina como guardiã da agrobiodiversidade e das sementes tradicionais é marcante, pois os conhecimentos sobre os solos, clima, vegetação, águas, peixes, espécies, etc.

não são um papel apenas masculino. Dessa forma, as mulheres agricultoras exercem atividades fundamentais na reprodução das sementes crioulas, por meio do plantio nos quintais, nos sítios, roçados ou arredores da casa, contando com a comercialização do excedente daquilo que foi primeiramente destinado ao consumo da família (Pinho, 2023, p. 16).

O cuidar da roça, dos alimentos, da saúde são conhecimentos e preocupações do dia a dia das agricultoras. Na comunidade Flexinha, são elas as anfitriãs da família, que possuem vasto conhecimento e tomam diversas decisões ligadas à produção, como a “escolha do local para plantar, o que plantar e quando plantar ou realizar qualquer operação nos cultivos e nas criações” (Rocha, 2013).

É nesse contexto que os papéis feminino e masculino são estabelecidos, uma vez que “o gênero não se baseia apenas nas características físicas inerentes aos sexos, mas também no processo de construção social e histórico das identidades subjetivas de cada pessoa”. Para a autora, “os sujeitos se fazem mulher e homem em um processo continuado, construído através das práticas sociais estabelecidas em cada sociedade, dentro de suas instituições, organizações sociais e econômicas (educação, sistema político, mercado de trabalho)” (Pinho, 2023).

Neste contexto, vê-se a necessidade de debater sobre o tema da guarda das sementes tradicionais e da importância do papel da mulher como guardiã desses conhecimentos, bem como sua participação ativa nesse processo.

A problematização sobre a sociobiodiversidade local visa discutir o processo de perda da biodiversidade das comunidades ribeirinhas paraenses e buscar avançar para a formação de um banco de sementes na comunidade, visando ampliar a reprodução das variedades ainda preservadas e o acesso dos comunitários. “Nesse sentido, é fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas das sociedades tradicionais indígenas e não indígenas, pois, sem dúvida, elas são os grandes depositários de parte considerável do saber sobre a diversidade biológica hoje conhecida pela humanidade” (Diegues, 2011, p. 05).

Com base no que já foi discutido, podemos ampliar o presente trabalho na escola, ou seja, com metodologias diversas, promovendo palestras, desenvolvendo projetos didáticos que envolvam tanto os alunos quanto os pais e toda a comunidade, tendo como inspiração os princípios da Educação em Agroecologia: da vida, diversidade, complexidade e da transformação.

Pode-se trabalhar o tema na sala de aula, tanto nas aulas teóricas quanto nas aulas práticas, por abordar um tema rico, que fala da realidade da comunidade, bem como seus saberes e práticas culturais passadas pelos seus ancestrais e que muitos ainda praticam no seu núcleo familiar. Trata-se de articular com a unidade temática Vida e evolução nos conteúdos de

Ciências da natureza, envolvendo questões da biodiversidade, alimentação, modos de vida, evolução, genética. Na área das Ciências Humanas, pode-se articular nas unidades temáticas sobre a comunidade e transformações, mundo do trabalho, natureza, ambiente e qualidade de vida. E, interdisciplinarmente, abrem-se diversas potencialidades para integrar o tema sementes e modos de vida quilombola.

DEVOLUTIVA DOS RESULTADOS DA PESQUISA

No dia 12 de dezembro de 2025, na Comunidade Santa Luzia no Quilombo Flexinha, foi realizada a devolutiva da pesquisa, com a presença de 30 pessoas que assinaram a lista de presença, além das pessoas que não assinaram, pelo fato de estarem envolvidas em outros afazeres do festejo da padroeira da comunidade “Santa Luzia”, mas que assistiram um pouco da roda de conversa.

Antes da roda de conversa, houve um momento de acolhida e contextualização da pesquisa, na qual todos receberam um bem vindo com um mimo de um doce com uma frase natalina, representando o carinho por todos, agradecendo a presença e destacando a importância da participação da comunidade. Também foi dito o quanto foram importantes para a realização desse evento, da pesquisa e para a formação. Foi relatado que todo esse processo só foi possível graças à confiança e à colaboração das famílias entrevistadas.

Foram explicados os objetivos da pesquisa realizada, que buscou compreender as práticas de uso, guarda e troca de sementes tradicionais na comunidade, bem como os desafios enfrentados para sua manutenção. Aquele momento foi concretizar o compromisso firmado como graduanda do retorno das informações pesquisadas para a comunidade, respeitando cada interlocutor que se dispôs a contribuir com o trabalho.

Tanto para mim, como moradora e pesquisadora, quanto para a comunidade presente, os dados foram um choque de realidade, pois, há algum tempo, estamos vivendo uma fase onde os conhecimentos repassados de geração em geração já não são a maior fonte de pesquisa para a plantação, preparação e plantio dos nossos cultivares. Esses saberes estão ficando somente como algo a ser lembrado e contado como história da geração passada. O que é bem preocupante, quando as tecnologias modernas não forem adequadas e não mais tiverem essas pessoas portadoras desses conhecimentos.

Além disso, Silva e Rocha (2022), ao analisarem transformações na agricultura de corte e queima na região de Altamira, evidenciam que as mudanças nos sistemas produtivos não podem ser compreendidas isoladamente, mas precisam ser debatidas coletivamente com os

moradores da comunidade envolvidos, considerando os impactos sociais, culturais e ambientais dessas transformações. Assim, a apresentação dos resultados à comunidade se dá como espaço de reflexão crítica sobre as dinâmicas locais e as influências do mundo que influenciam sobre os modos de vida quilombolas.

A própria Educação do Campo, conforme discutido por pesquisadoras(es) da UFPA, propõe a construção do conhecimento a partir da realidade vivida, articulando saberes acadêmicos e saberes tradicionais. Dessa forma, o momento da devolutiva foi compreendido como prática pedagógica e política, fortalecendo o diálogo entre universidade e comunidade, ciência e tradição, pesquisa e compromisso com os moradores da comunidade.

Somente após esse momento inicial de contextualização e alinhamento, deu-se início à roda de conversa com os moradores da comunidade. Na qual foi conduzida a partir de perguntas motivadoras, como: O que significa “semente” para vocês? Qual a primeira lembrança que vocês têm de plantar ou ver alguém plantar? Quais sementes tradicionais vocês ainda guardam ou lembram que seus pais/avós guardavam? O que as sementes tradicionais representam para a história e a cultura da comunidade? O que gostariam que fosse resgatado das sementes tradicionais na comunidade?

Diante das perguntas, foi exposto pelos comunitários que as sementes tradicionais têm um significado muito importante em suas vidas, pois foi a partir dessas sementes que seus pais garantiam os seus plantios para sustento da família e uma boa produção. Foram faladas das lembranças dos momentos em que iam com seus pais para os roçados, fazer o preparo da terra, cuidar enquanto frutificava e colher tanto para venda, consumo ou troca, pois naquela época a comercialização, na sua grande maioria das vezes, se dava pela troca de produtos com a mercadoria.

Diante de algumas recordações, os participantes relatam que viram seus pais plantando tabaco, arroz, mandioca, dentre outros, e que era muito dificultoso porque suas ferramentas de trabalho eram muito rudimentares.

Durante a troca de conhecimentos na roda de conversa, percebeu-se que os agricultores que cultivam entendem ser mais viável comprar as sementes do que guardar, e que a terra já não produz mais como antigamente, sendo confirmado que muitos deles perderam a prática que seus pais ou avós tinham.

Figura 7: Roda de conversa da devolutiva da pesquisa



Fonte: acervo pessoal de Odenize Gonçalves (2025)

A roda de conversa teve duração de 90 minutos, com finalização com entrega de certificados para as guardiãs e guardiões de sementes da comunidade.

Figura 8: Roda de conversa da devolutiva da pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Foi destacado que as mudanças podem vir, mas não precisamos abandonar nossas ancestralidades, nossos saberes, culturas, tradições e nossa autonomia. As sementes tradicionais significam isto.

Fica evidenciada a necessidade de promover ações comunitárias voltadas para refletir sobre a valorização das sementes tradicionais, incluindo o debate mais amplo sobre as transformações nos sistemas agroextrativistas e seus impactos diretos sobre a sociobiodiversidade local, dado que é necessário refletir sobre as implicações dessas mudanças para a manutenção da soberania e segurança alimentar das populações tradicionais. Para isto, a exposição e troca de sementes na comunidade e entre comunidades pode ser organizada pelos coletivos existentes, como o grupo de mulheres do Flexinha, e pelas associações quilombolas local e municipal, como a Associação dos Remanescentes dos Quilombolas de Gurupá (ARQMG).

CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou compreender as práticas de uso, guarda e troca de sementes tradicionais que vêm sendo trabalhadas pelos camponeses do Quilombo Flexinha, comunidade Santa Luzia. Foi possível identificar como essas ações estão diretamente ligadas aos saberes ancestrais e aos modos de vida da comunidade, e como a prática reforça a importância da memória coletiva e da autonomia dos agricultores quilombolas na conservação da agrobiodiversidade.

Além disso, o trabalho discutiu os conhecimentos envolvidos na preservação dessas sementes, reforçando a importância da preservação para as famílias darem continuidade a essas práticas, mesmo diante de desafios como a escassez de apoio técnico, os efeitos das mudanças climáticas e pressões externas para atender aos interesses do agronegócio. A análise demonstrou que os moradores reconhecem o valor cultural e ecológico das sementes crioulas, tratando-as como parte histórica de sua identidade, mas muitos não pensam em dar continuidade a essa prática.

Apresentamos como pista de continuidade a proposição para as mulheres montarem um banco de sementes com outros grupos já instituídos, como o grupo de mulheres e a cooperativa local, para cada morador poder reproduzir, trocar e plantar. Uma regra básica é, após a colheita, devolver sua contribuição para o banco, visando a manutenção das sementes.

Para fortalecer essas práticas, a comunidade precisa de apoio e de políticas públicas, para assim valorizar os conhecimentos tradicionais e a sociobiodiversidade quilombola. O incentivo das organizações comunitárias, como a Associação dos Remanescentes dos Quilombolas de Gurupá (ARQMG) é de grande importância para o fortalecimento dessas práticas de conservação e manutenção desses saberes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Virginia de Almeida et al. **Construindo Princípios e Diretrizes: Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia**. 1. ed. Recife/PE: Universitária da UFRPE, 2013. 16 p.

BERNARDO, Maria Augusta Taiul *et al.* Guardiões das Sementes da Vida do vale do Rio Pardo - RS. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, Vale do Rio Pardo - RS, ano 2020, v. 13, n. 02, p. 01a 08, 22 nov. 2020.

CORREA, Jacielma dos S. **Sementes tradicionais: Usos, Origem, e Seleção pelos guardiões da Comunidade Quilombola São José De Icatu**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará, 2025.

CUNHA, Fernanda Ielpo; DOMINGOS, Luis Tomás; DA SILVA, Ana Maria Eugênio; VASCONCELOS, José Gerardo. Organização coletiva e sementes crioulas: uma forma de luta e resistência pela identidade sociocultural quilombola na comunidade Sítio Veiga em Quixadá-CE. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 5, p. e9219, 2020. DOI: 10.20873/uft.rbec.e9219. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/9219>. Acesso em: 13 mar. 2026.

DIAS, Odenira Corrêa; MEDEIROS, Monique; SILVA, Luís Mauro Santos. Agrobiodiversidade quilombola (em risco) no Marajó dos Campos: transformações nas roças em face a projetos desenvolvimentistas. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 37, n. 60, p. 25-43, 2024.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

GOMES, Neiva dos Santos. **Conflitos socioambientais nos territórios de comunidades tradicionais em Gurupá, Pará: estudo de caso sobre a Comunidade Flexinha**. Orientadora: Carla Giovana Souza Rocha. 2022. T.C.C (Graduação) - Universidade Federal do Pará, [S. l.], 2023.

GONÇALVES, Odenize Pena. **Pesquisa Diagnóstica na Comunidade Santa Luzia do Rio Flexinha**. 2022. Relatório do I Tempo Comunidade (Educação do Campo) - Universidade Federal do Pará (UFPA), [S. l.], 2022.

<http://portal-adm.cnpq.br/web/guest/pagina-inicial> Acessado em 12/03/2026.

LEÃO, Carlos Alberto da Silva. **A comunidade quilombola de Gurupá e o extrativismo do açaí: desafios e possibilidades.** Dissertação (Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas) Belém: Flacso Brasil/FPA, 2023. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/server/api/core/bitstreams/27306d70-a18c-4356-8eda-ba45c550a395/content>

MARTHINS, Greicy Lopes. **Manejo e Conservação de Sementes Tradicionais na Comunidade de São José, Benjamin Constant, Amazonas.** 2023. 1 a 71 p. T.C. C (GRADUAÇÃO) - Universidade Federal do Amazonas, [S. l.], 2023.

MEIRA, Victor Augusto de Oliveira. As sementes crioulas na agricultura tradicional e sua importância para a agrobiodiversidade. **Revista de Direito Ambiental e socioambientalíssimo**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 1 a 20, 29 dez. 2021.

PEREIRA, V. C; LOPES, P.; DAL SOGLIO, F.K. *et al.* A conservação das variedades, crioulas para a soberania alimentar de agricultores: Análise preliminar de contextos e casos no Brasil e no México. **Holos**, 2017, v. 4, p. 01 a 19.

PINHO, Bruna Raquel Torquato. **Mulheres guardiãs e as sementes da tradição: gênero, autonomia e conservação de sementes crioulas no Mato Grande/RN.** Orientadora: Joana Tereza Vaz de Moura. 2023. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

ROCHA, Carla Giovana Souza; SOUSA, Maria Adilane da Conceição; OLIVEIRA, Mateus da Silva. Mudanças nos sistemas produtivos de agricultores familiares na microrregião de Altamira, Pará. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, V. 7, n. 2, 2022, p. 101-117.

ROCHA, Carla Giovana Souza; ALMEIDA, Jalcione Pereira de. Conhecimentos locais e práticas de gestão da fertilidade do meio natural entre agricultores familiares da microrregião de Altamira, Pará, Brasil. **Amazônica**. Belém, PA, V. 5, n. 3, 2013, p. 892-908.

SILVA, J. R.; MORAES, I. D. S.; SANTOS, M. F. Saberes tradicionais na conservação de sementes crioulas: uma revisão sistemática da literatura em artigos: **Revista Cocar**, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7911>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SILVA, Maristela Marques; ROCHA, Carla G. S. Mudanças na agricultura de corte e queima em Altamira, Pará. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e11611528087, 2022. DOI: [10.33448/rsd-v11i5.28087](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.28087). Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/28087>. Acesso em: 16 fev. 2026.

TORRES DE PAULA, Fernanda; SILVA, M. M.; ROCHA, C. G. S.; GUEDES, Mayara. A utilização de sementes crioulas por agricultores familiares no município de Brasil Novo, Pará. **Revista Educamazônia**, v. 18 n. 1 (2025): Temas livres e dossiês temáticos em educação, sociedade e meio ambiente.

TRINDADE, Joseline Barreto et al. Troca de saberes e fazeres na Feira da Agricultura Familiar no Campus de Abaetetuba/UFPA e sua contribuição no ensino de Agroecologia e Educação do Campo. **Cadernos de Agroecologia**, v. 18, n. 1, 2023.

VIZOLLI, Idemar; SANTOS, Rosa Maria Gonçalves; MACHADO, Renato Francisco. Saberes Quilombolas: um estudo no processo de produção da farinha de mandioca. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 26, n. 42b, p. 589-608, 2012.